

TEMPO E ESPAÇO NA SOCIEDADE GLOBALIZADA¹

Douglas Santos²

ALGUNS COMENTÁRIOS EM TORNO DO TÍTULO

Espaço, tempo e globalização! Há de se tornar evidente este conjunto de categorias ou correremos o risco de no perdermos em torno de um jogo de mal entendidos. Espaço e tempo são categorias que um rápido esforço de memória nos mostrará carregadas de discussões, conceituações e reconceituações. Poderíamos facilmente, identificá-las como as principais categorias científicas desde o renascimento e que, por isso mesmo, vêm sofrendo, na sua estrutura conceitual, embates e mais embates, cujo consenso é, simplesmente, impensável.

Globalização, por sua vez, é algo mais recente. Trata-se de uma categoria de cunho mais jornalístico que científico mas, nos nossos dias, as fontes de sua construção conceitual se misturaram de diversas maneiras, e já fica difícil afirmar o que ela quer dizer quando se trata de ir um pouco além do senso comum.

O tema do mini curso, portanto, foi construído em torno de uma combinação "explosiva" que exigirá de todos nós duas vertentes de discussão um tanto quanto distintas.

Num primeiro momento teremos de nos debruçar em torno de uma tarefa parametrizadora, isto é, considerando o atual estágio de confusão conceitual em que nos encontramos, teremos de deixar claro, da melhor maneira que nos for possível, o significado de cada uma das categorias em

¹ Este texto foi escrito para servir de base a um mini curso programado pelo Encontro Regional de Geógrafos que se realizou na cidade de Goiás (GO) entre os dias 30 de maio e 1 de junho de 1997. O título, por sua vez, procurou respeitar a programação a mim proposta pelos organizadores.

² Prof. do Dept. de Geografia da PUC-SP

jogo, procurando, a um só tempo, romper com o senso comum e apontar em que medida "espaço", "tempo" e "globalização", unidos numa mesma proposição, poderão nos permitir uma melhor compreensão da geograficidade³ dos fenômenos contemporâneos.

O segundo passo será, num certo sentido, uma simples resultante, já que, expresso e esclarecido o ferramental de análise, poderemos nos debruçar sobre o jogo fenomênico propriamente dito.

O PRIMEIRO PASSO

Em Torno da Globalização

O que costumamos chamar por globalização? Ao que parece, a literatura disponível é praticamente unânime ao identificar, por essa categoria, um fenômeno extremamente recente: por globalização tem-se entendido as condições da economia e da política advindas do fim da URSS. Os argumentos são, aparentemente, convincentes:

- O fim do governo sob o comando do PCURSS reduziu a capacidade social de resistência ao capitalismo a praticamente zero. Com isso, as novas articulações econômicas e políticas passaram a ter nova qualidade e têm se expressado pelo esforço monumental, em torno de articulações cuja resultante se dá na consolidação e amadurecimento dos chamados "blocos" econômicos. Assim, a Comunidade Européia, o Nafta, o Mercosul e a CEI --- além das recentes discussões em torno da ALCA -- - parecem colocar abaixo a unidade "Estado-nação" como ponto de partida das investigações geográficas;

- Na outra ponta da mesma linha, o fim da URSS provocou o surgimento de mais de uma dezena de novos Estados-nação e as guerras em torno da definição de fronteiras políticas na África têm sofrido um substancial acréscimo. O que isso, paradoxalmente, parece recolocar o "Estado-nação" como ponto de partida nas investigações geográficas⁴;

³ A idéia de geograficidade tem aqui, propositalmente, um sentido dúbio. Deixemos que o desenvolvimento da discussão deixe mais claro seu significado.

⁴ Ver, principalmente, SANTOS, Milton em obras citadas na bibliografia.

- Um terceiro aspecto do processo de globalização parece ser o chamado "desenvolvimento técnico-científico", principalmente no que se refere aos sistemas de comunicação em "tempo real". Tal dinâmica tem colocado alguns autores na defesa do fim do "lugar" enquanto um parâmetro de identidade geográfica, chegando, inclusive, a propor o fim da geografia e a criação de uma "cronografia"⁵;

- Por fim, ainda no campo do desenvolvimento técnico-científico, a inserção de novos parâmetros produtivos tem colocado mais duas variantes importantes: o desemprego e o ambientalismo, ambos reforçando, paradoxalmente, a idéia de lugar enquanto centro das preocupações do próprio processo de globalização.

Como se observa, a construção conceitual em torno da categoria "globalização" conflitua-se sob ângulos fundamentais, principalmente se nosso objetivo é discutir a espaço-temporalidade nele subjacente.

Para que possamos identificar com um pouco mais de clareza se tal categoria pode, realmente, acrescentar algo à nossa compreensão da realidade, ou se estamos nos relacionando com mais um eufemismo ditado pelas necessidades de reconstrução vocabular⁶-da-intelectualidade, precisamos nos perguntar se os processos a que se referem seus usuários carregam, efetivamente, algum traço de que algo efetivo revolucionou (as possibilidades analíticas) o momento presente de nossas relações planetárias.

Não me parece inviável que uma categoria como "globalização" possa, sem perder seu significado, ser usada de forma muito mais ampla do que vem sendo feito até o momento. A idéia de "globalizar", isto é, tornar algo que tem um caráter localizado em um fenômeno de abrangência planetária, não perderia seu sentido original se a usássemos para identificar todo o processo de expansão territorial que se inicia, por

⁵ Vide bibliografia em torno de VIRÍLIO, Paul.

⁶ Os esforços na criação de um novo vocabulário não é pequeno: basta lembrarmos que, como num passe de mágica, categorias como "período técnico-científico", "pós-modernidade", "holismo", "neo-liberalismo" e tantos outros foram tomando conta tanto da literatura acadêmica como da jornalística. Pouco se pergunta sobre seus significados mas isso não impede que o uso indiscriminado desse vocabulário já não o tenha colocado no interior de nosso cotidiano.

iniciativa européia, em pleno século XV, ao qual, tradicionalmente, denominamos de "expansão mercantil"⁷.

Num processo que fundiu, dialeticamente, expansão territorial e exclusão/eliminação de todas as culturas que resistiram em se adaptar aos moldes ditados pelas perspectivas da nascente, e cada vez mais consolidada, burguesia européia, globalizar é, sem dúvida, um verbo suficientemente explícito para identificar o aspecto territorial de tal processo.

Sabemos, no entanto, que a consolidação da burguesia implicou em muito mais que a apropriação de novos territórios. A dialética impressa no processo de expansão ↔ exclusão/eliminação tomará a aparência de uma dicotomia vazia de sentido se, por expansão, não identificarmos, implicitamente, o processo de assimilação/reconstrução cultural que efetivamente marca a hegemonização do poder burguês em nível planetário.

Portanto, a expansão burguesa (ou sua globalização, para mantermos-nos nos limites do título desse trabalho) pode ser compreendida sob dois ângulos aparentemente distintos mas, efetivamente, intercomplementares: o que poderíamos chamar de europeização do mundo na medida em que a expansão burguesa só pode ser entendida enquanto disseminação de seus valores, perspectivas, ritmos produtivos, ética, estética etc. e, portanto, da própria "espácio-temporalidade européia"; e, igualmente, de mundialização da Europa, na medida em que a hegemonia burguesa requer, a cada instante, uma reordenação dos parâmetros de poder e gestão do processo produtivo no interior da própria Europa, isto é, uma adaptação constante ao "jogo de forças" que a diferencialidade do processo de expansão/exclusão coloca para os que pretendem em garantir suas hegemonias.

Nos nossos dias, vivemos, ao que parece, a maturidade de um processo de mais de 500 anos. Ele não é novo --- se por novo entendermos

⁷ Não creio que seja necessário, aqui, listar as denominações recorrentes que identificam esse processo e, nem mesmo, seus significados. Só a idéia de colocar em discussão a denominação "grandes descobrimentos" já nos levaria, fatalmente, a um número tão grande de digressões que, sem dúvida, acabaríamos por perder o significado central do presente trabalho.

a realização de parâmetros sociais que revolucionem os que foram impostos no processo de expansão burguesa --- e, portanto, afirmarmos que somente em nossos dias estamos vivendo um mundo globalizado é, no mínimo, escondermos por trás de uma cortina de fumaça um processo histórico e geograficamente identificável há mais de cinco séculos.

Por outro lado, a expressão "globalização" carrega consigo uma grande margem de incerteza. Ela, em si mesma, não expressa nem os mecanismo que permitem a planetariedade do modo de produção capitalista e, muito menos, os mecanismos que, de forma cada dia mais refinada, garantem a manutenção de sua estrutura de poder.

Proponho uma retomada. Considerando que o uso da categoria "imperialismo" foi deixado de lado --- os motivos não poderemos discutir aqui devido aos limites desse trabalho --- quero resgatá-la por condiderá-la a categoria mais eficaz na identificação dos nossos tempos. Mas, deixemos a discussão em torno das vantagens dessa retomada para o segundo passo, pois só teremos isso mais claro se já tivermos nos posicionado frente às categorias de tempo e espaço.

EM TORNO DO ESPAÇO E DO TEMPO

Os conceitos que hoje dispomos para identificar as categorias Espaço e Tempo são, na verdade, a expressão mais requintada do esforço intelectual da burguesia nascente e, portanto, revolucionária.

Alguns historiadores da ciência chegam mesmo a afirmar que tais categorias transformaram-se no elemento axial de toda a construção conceitual da ciência moderna⁸, tendo sido conceitualizados e reconceitualizados na medida em que se desenvolvem os fundamentos analíticos que, genericamente, se iniciaram no Renascimento e prosseguem até os nossos dias.

Copérnico, Kepler, Galileu, Descartes, Newton, Darwin, Kant, Hegel, Heidegger, Nietzsche, Einstein, Heisemberg, somente para citar

⁸ Vide BURTT, COHEN, GHINS, RAY, CASSIRER, OMNÉS na bibliografia.

alguns, deram contribuições importantíssimas nesse processo pois, não é demais afirmar, sistematizaram, cada um a seu tempo, os parâmetros do discurso científico, e é, entre outras coisas, o mesmo que afirmar que tiveram uma participação efetiva na construção dos conceitos de espaço e tempo que hoje usamos, muitas vezes, para resolver questões pertinentes ao nosso cotidiano.

Tomemos aqui somente alguns pequenos aspectos desse processo em que agir e pensar se fundem --- na maioria da vezes em pessoas absolutamente diferentes e em meio a dissintonias profundas --- já que cada passo do que chamamos aqui de "globalização" vem antecedido, acompanhado ou como elemento resultante de redefinições do significado de Espaço e Tempo. Vamos a eles, portanto.

Atentemos, primeiramente, para o fato de que o processo que os historiadores identificam, genericamente, como "alta Idade Média" ou, de forma mais precisa, como os primeiros movimentos de decadência do Feudalismo, pode ser associado, entre outros aspectos, com mudanças importantes na noção de Espaço e Tempo:

- É desse período a introdução da perspectiva nas artes plásticas, permitindo a possibilidade de se representar, principalmente na pintura, a distribuição territorial do fenômeno observado. Tal "técnica" possibilitou ao artista definir com muito maior precisão a hierarquia dos objetos pela sua dimensionalidade e localização, o que, anteriormente, era impossível;

- É também desse período a introdução do canto gregoriano, exigindo uma redefinição do significado de tempo, já que o canto coral, em diferentes vozes, implica na superação da idéia de tempo como fluência e em assumir a idéia de tempo sincopado, cadenciado, capaz de ser representado matematicamente --- como numa pauta musical, por exemplo;

- A matemática, por sua vez, reinicia sua ascensão enquanto linguagem universal do real. Colocada até esse período como "arte demoníaca" executada somente por árabes, o nascimento da burguesia e, com isso, a retomada do uso da moeda, impõe o uso da linguagem

matemática e de seu estudo enquanto sistematizador das relações entre lugares e, portanto, entre os homens;

- No desdobramento desses fatos, deparamo-nos com uma redefinição radical da cartografia: deixa-se de lado os mapas "T. Os." e inicia-se a época dos portulanos (de inspiração geométrica na loxodromia), onde, escala e projeção --- conceitos praticamente abandonados no feudalismo --- vão se tornando os pontos mais importantes da representação cartográfica (há de se considerar que a retomada das grandes rotas comerciais não poderia ser feita sem uma redefinição conceitual da cartografia);

- Em meio a tudo isso, os reis católicos definem a territorialidade da revolução burguesa: Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Américo Vespúcio, Cristovão Colombo --- entre outros --- comandam a mais importante e efetiva revolução geográfica da história da humanidade.

- Mas é Copérnico, Kepler e Galileu que, no mesmo período das "navegações", redefinem o papel do sujeito na construção do conhecimento, isto é, eles são os pais do "sujeito burguês" e, enquanto os "navegadores" redefinem o tamanho e a complexidade social européias, os "cientistas" redefinem a própria localização da Terra, o significado de Universo, os parâmetros fundamentais para a leitura e sistematização do mundo e, definitivamente, todo esse discurso se faz em torno da discussão sobre o significado de Tempo e Espaço enquanto condições ou resultantes da redefinição de movimento.

- É, justamente, nessa fase galileiana que surge a cartografia de Mercator, onde a idéia de projeção com base nas distâncias angulares toma forma garantida até os nossos dias. Mercator, para além de toda justa louvação em torno de seu nome, principalmente no que se refere às questões da projeção, é, na verdade, o primeiro a, efetivamente, desenhar a mundialidade européia, garantindo a imagem de mundo que no século XVI só dava seus primeiros passos de construtor.

É sobre esse dois últimos aspectos que nossas reflexões passam a tomar um sentido definitivo. A Terra --- e, nesse sentido, sua própria

globalidade --- vai, paulatinamente, tomando o formato definitivo de uma esfera e os europeus deixam de ser o centro do mundo para, mesmo garantindo a hegemonia, ser um entre muitos. O planeta como um todo não segue rumo diferente: de centro fixo da criação divina passa a ser o terceiro num sistema, isto é, igualmente um entre muitos⁹.

Para que tudo isso seja possível, a idéia de movimento da tradição aristotélica --- o qual, resumidamente, poderia ser identificado como a resultante de algum tipo de "desvio" da condição natural dos objetos, isto é, todo corpo só se movimenta se se encontrar fora de seu ambiente natural --- é colocada em questão, e é o grande Galileu que vai sistematizar uma nova perspectiva, que será inspiradora tanto das propostas de Newton quanto de Einstein¹⁰, na medida em que propõe que o movimento é uma condição inerente à matéria, mas que só é percebido na medida em que não é compartilhado.

As proposições de Galileu, no entanto, não se resumem a uma nova concepção de movimento --- e, se assim fosse, o salto já poderia ser considerado como monumental mas, definitivamente, incompleto --- mas assimila um amplo movimento cultural que o antecede e que já havia sido, anteriormente, usado por Copérnico: o uso da linguagem matemática como sistematizadora de qualquer leitura do mundo que se pretendesse verdadeira.

Considerar o movimento como um dado inerente à natureza (physis) cujo significado só pode ser apreendido matematicamente é, tal como o legado deixado pelos "navegantes", a condição e o limite do que conhecemos por ciência moderna, isto é, ambos os movimentos são, definitivamente, as duas faces da moeda que chamamos aqui de mundialização.

Ambos carregam uma característica fundamental: a de exigir que o sujeito do conhecimento sistematize suas leituras de mundo sob a diversidade de ângulos que subentende a noção de potencialidade ou, em outras palavras, o que se quer do mundo não é exatamente aquilo que ele

⁹ Vide BRUNO na bibliografia

¹⁰ Vide BALIBAR na bibliografia.

nos apresenta mas, justamente, o que tal apresentação nos permite inferir enquanto processo de transformação.

Viver deixa de ser uma relação dicotômica entre a "carne" e o "espírito" em que o hoje da "carne" é um "contínuo" de sofrimentos para, na imediaticidade da morte, se conquistar a vida eterna, e passa a ser uma leitura da capacidade de transformação cotidiana do que o mundo nos oferece de forma "bruta", com vistas a um processo "contínuo" de realizações cumulativas. O trabalho deixa de ser castigo para ser a condição da acumulação e os meios de trabalho (num primeiro momento a própria terra agrícola) deixam de ser elementos de resistência --- para garantir que o suor do pecador realmente escorra no processo de sua salvação --- para se transformarem em "recursos naturais" que, apropriados privadamente, transformam-se em mercadorias em potencial.

Por outro lado, a identidade étnica vai para além da relação igualmente dicotômica definida pelo conceito de "bárbaro" como contraposição obrigatória ao conceito de "nós". A identificação do "quem é nós" e "quem é o outro" vai se inserindo, definitivamente, na idéia de que o real é síntese da multiplicidade dos movimentos, que só poderão ser entendidos na medida em que são identificados enquanto contexto. Em outras palavras, tudo se move, mas as direções e velocidades não são as mesmas. Há o que se move comigo e, portanto, está parado em relação a mim. Há o que não se move comigo e, portanto, há de se ajustar sua rota ou, no mínimo, dominá-la, para que se coloque a meu favor.

O que nos importa, para esse momento, é identificarmos que a ruptura discursiva seria inócua se não estivesse profundamente enraizada na ruptura do modo de vida feudal e que a nova dimensão do significado de movimento e, conseqüentemente de Tempo e Espaço, só foi possível se tornar plenamente coerente na medida em que desvendou um sistema de referência que permitisse, ao mesmo tempo, identificar quem, como e para onde cada objeto se movimenta e, para isso teve de gerar a idéia de Espaço e Tempo absolutos, o que só tomará seu pleno significado em Newton e, por fim, em Kant.

Muito se pode comentar sobre os séculos que separam a Suma Teológica de Tomas de Aquino (ponto de partida da racionalidade burguesa) e a Revolução Francesa (marco no processo de geração da teoria e da prática gestonária da territorialidade burguesa enquanto Estado). Realcemos somente alguns pontos que nos permitirão avançar com maior rapidez:

- O deslocamento da idéia de um Universo centrado no Sol (Copérnico e Kepler) para um Universo sem centro (Newton);

- A separação definitiva entre a subjetividade e a objetividade fenomênica (*res cogito* x *res extensa*) construindo a idéia de que o papel da ciência é explicar o "como" e não o "porquê" do mundo;

- O desenvolvimento técnico do relógio, permitindo seu uso em embarcações e abrindo a possibilidade da marcação precisa das coordenadas;

- O processo de urbanização e o uso do tempo sincopado como referência e medição da produtividade do trabalho;

- A consolidação da geometria como linguagem de referência dos limites territoriais, tanto do ponto de vista político (fronteiras de Estado), quanto no sentido de identificar a lugar do processo produtivo (propriedade privada dos meios de produção).

A chamada "Revolução Industrial", portanto, é mais que uma simples realização técnica cujo sentido geral estaria na aceleração do processo de acumulação do Capital. Trata-se da consolidação efetiva do processo de dominação sobre o trabalho que se iniciou muitos séculos antes em que o político (Estado) e a técnica (o sistema fabril) são, na verdade, suas condições de realização.

Fundada na fusão entre a identidade étnica e delimitação territorial (Estado nacional), a expansão territorial burguesa se define como uma mudança qualitativa (do ponto de vista do significado) e quantitativa (do ponto de vista da extensão territorial) do que vem a ser Imperialismo. O

discurso discricionário e fragmentador do Estado Nacional se realiza pela incorporação e homogeneização de objetivos de classe explícitos --- a acumulação capitalista --- e é em nome desse progresso geral que idéias de nacionalidade tão diferentes se fundem numa mesma processualidade, cuja principal característica é a de ser desigual e combinada.

Portugueses, Espanhóis, Ingleses, Franceses, Belgas, Alemães são, efetivamente, as culturas mais representativas desse processo, no qual se fazem representar enquanto unidades étnicas na forma de Estado. O que podemos perceber com clareza é que, para cada movimento que se faz em nome de cada uma dessas unidades étnicas, o que se consolida é uma redefinição da geometria do poder político e, no processo, do poder sobre os chamados "recursos naturais e humanos" tanto do ponto de vista externo (nas colônias) quanto internos, consolidando a própria identidade das classes sociais, na medida em que define a forma e o significado do processo produtivo.

Os lugares não foram, portanto, somente rebatizados. A cada inserção de um nome de origem européia nas terras conquistadas, o que se efetiva é uma redefinição de seus significados no contexto da globalização já construída.

Portanto, o que identificamos como fragmentário, porque lemos pelas marcas deixadas na diferencialidade étnica, deve ser entendido como unitário, justamente pelas marcas deixadas pela constituição das atuais relações de classe. O que se faz necessário é deixar de lado a confusão entre unidade e homogeneidade.

É este o sentido geral da espaço-temporalidade burguesa: colocar todos os movimentos desiguais a serviço de um projeto único, que qual, nesses tempos de eufemismos, não custa identificar, com veemência, pelo nome de **imperialismo**.

Mas, como deixar mais claro a diferença entre Globalização e Imperialismo?

A geografia não tem, efetivamente, se eximido deste embate. No Brasil, já estamos chegando ao vigésimo aniversário da institucionalização de um debate, onde um dos aspectos fundamentais poderia ser resumido pela preponderância de duas perspectivas diferenciadas em torno da conceituação de Espaço. De um lado viemos de uma tradição kantiana, de suma importância, em que a idéia de Espaço se confunde com a de receptáculo universal --- os fenômenos acontecem no espaço --- e, de outro, desenvolve-se a vertente que defende a idéia de que Espaço é uma das dimensões dos próprios acontecimentos --- o espaço construído.

O que o desenvolvimento do debate está a exigir é, justamente a definição de critérios mais sistemáticos para a construção de nosso discurso. Vejamos: estou a considerar, aqui, que a idéia de "espaço construído" pode ser identificada como a mais importante revolução conceitual da geografia no século XX, já que ela nos permite superar a metafísica que separa a espacialidade (enquanto um dado a priori) da materialidade do movimento.

Mas é, justamente, no interior da idéia de espaço construído que a idéia de globalização tem sido, reiteradamente, usada (perdendo aqui seu sentido identificador do processo de apropriação territorial capitalista), para constatar um fato escondendo o jogo processual que lhe dá significado.

Usar da expressão "globalização" para identificar o presente é retomar a idéia de espaço a priori (globalização é, efetivamente, uma expressão de forte caráter espacial) e, portanto, se choca frontalmente com a idéia de "espaço construído".

É sintomático que um dos mais importantes geógrafos brasileiros --- Milton Santos --- tenha afirmado em programa de televisão que "Globalização é a fase mais avançada do Imperialismo". Não há como evitar o comentário de que se está fazendo uma profunda confusão entre uma dimensão do fenômeno (globalidade), o fenômeno (capitalismo) e sua processualidade (imperialismo).

O SEGUNDO PASSO

Refeito todo o percurso de identificação conceitual, nos restou aqui muito pouco para discutirmos o que, no meu entender, era a efetiva intenção dos proponentes do mini curso: colocar em debate a espaço-temporalidade contemporânea ou, em outras palavras, a tentativa de se desvendar a maneira pela qual se processa os movimentos estruturais que dão fundamento --- ritmo e forma ↔ tempo e espaço --- à nossa sociedade.

Para que possamos ter um pouco mais de clareza em torno desse embate, retomemos aqui duas das principais categorias levantadas no item anterior: a de "desenvolvimento desigual e combinado" e a de "imperialismo".

Se considerarmos por imperialismo a hegemonia das relações burguesas em nível planetário e o fato de que a construção de tal domínio só se realiza pela inserção da diferencialidade no projeto global de reprodução acumulada de capital, não teremos dificuldades em compreender o real significado, não só, de espaço construído, mas, igualmente, de tempo construído.

É com esse ferramental que poderemos listar o que, nos limites de uma análise fundada na idéia de globalização, terá sempre um caráter paradoxal:

- A concomitância entre os processos de unificação de mercados e de alguns níveis de gestão político-administrativa (CE. CEI. NAFTA. MERCOSUL) contrapondo-se à fragmentação territorial observada com a derrocada do poder do PCURSS (Iugoslávia, Tchecoslováquia, URSS) e o avanço de movimentos de caráter nacionalista que nos permite antever a criação de novos estados nacionais nos próximos anos;

- A mudança nos parâmetros produtivos (decadência do fordismo/taylorismo e o avanço do toyotismo), gerando novas formas de inserção do trabalho e a presença cada vez maior de sistemas microprocessados de controle da maquinaria, em contraponto com o

avanço nos índices de desemprego, a redefinição do papel do Estado na gestão das relações de classe e o esfacelamento dos órgãos de resistência sob controle dos trabalhadores;

- A ampliação da velocidade dos sistemas de comunicação via satélite ampliando exponencialmente a disponibilidade de informações e realçando a necessidade de se redefinir o significado de analfabetismo funcional;

- Por fim, a ampliação da velocidade nos deslocamentos de objetos e pessoas, gerando novos conceitos de localização e realçando a rigidez territorial das populações marginalizadas.

É nesse contexto de multiescalaridade que devemos, nesse momento, desenvolver nossas preocupações com a pesquisa e o desenvolvimento do discurso geográfico, procurando, efetivamente, desvendar os diversos níveis de construção conceitual e de ferramental simbólico (linguagem).

Dentro do contexto em que estamos colocando a discussão fica evidente que nem a perspectiva kantiana de espaço a priori (estrutura conceitual sobre a qual construímos nossas reflexões) nem a linguagem disponível (cartografia de inspiração mercatiana, com a qual sistematizamos nossas idéias de localização) são suficientes para produzirmos o discurso geográfico do imperialismo, na forma em que ele hoje se expressa. É preciso, portanto, dar continuidade ao projeto proposto na década de 70 de reconstruir o discurso geográfico de forma que, efetivamente, ele consiga captar o movimento pelo viés de sua dimensão espacial.

Abstract:

SANTOS, Douglas. Time is Space in the Sociedade Globalizada
Temporis(Ação); Goiás, V.1, N.1 - junho/1997.

BIBLIOGRAFIA

- BALIBAR, Françoise. **Einstein: uma Leitura de Galileu a Newton.** Ed. 70. Lisboa: 1988.
- BRUNO, Giordano. **Sobre o infinito, o Universo e os Mundos.** Vol. XII, Ed. Abril, São Paulo: 1973, (Col. "Os pensadores").
- BURTT, Edwin A. **As Bases Metafísicas da Ciência Moderna.** Ed. UNB Brasília: 1991.
- CASSIRER, E. **El problema del conocimiento.** Ed. Fondo de Cultura Económica. México: 4 vols, 1986.
- COHEN, I. B. **O Nascimento de uma Nova Física.** Gradiva, Lisboa: 1988.
- GHINS, Michel. **A inércia e o Espaço-Tempo Absoluto.** UNICAMP Campinas: 1991.
- OMNÈS, Roland. **Filosofia da Ciência Contemporânea.** Ed. Unesp São Paulo. 1996.
- RAY, Christopher. **Tempo, Espaço e Filosofia.** Ed. Papirus; Campinas: 1993.
- SANTOS, Milton. **Espaço & Método.** Nobel, Ed. São Paulo: 1985.
- _____. **Por uma Geografia Nova.** HUCITEC. São Paulo: 1978.
- _____. **A Natureza do Espaço.** HUCITEC. São Paulo: 1996.
- VIRILIO, P. **A Arte do Motor.** Ed. Estação Liberdade. São Paulo: 1996a.
- _____. **O Espaço Crítico** Ed. 34, Rio de Janeiro: 1993.
- _____, **Velocidade e Política,** Ed. Estação Liberdade, São Paulo: 1996b.